
EDITORIAL:
IDENTIDADES DE CRIANÇAS E JOVENS NA CULTURA DIGITAL

EDITORIAL:
YOUTH IDENTITIES IN DIGITAL CULTURE

INÊS SÍLVIA VITORINO SAMPAIO
Universidade Federal do Ceará

LAURA ROBINSON
Santa Clara University

GEORGIA DA CRUZ PEREIRA
Universidade Federal do Ceará

GEORGE TORRES
Universidade Federal do Ceará

1

APRESENTAÇÃO

A cultura digital tem se imbricado, cada dia mais, na vida cotidiana das pessoas. Em especial nas últimas décadas, tem afetado, substantivamente, a constituição dos repertórios culturais de grupos e indivíduos sociais, suas práticas e identidades. Por um lado, o acesso à cultura digital é um direito, por outro lado é também um desafio quando o exercício desse direito se realiza em espaços comunicacionais conformados por lógicas de negócio, que sobressaem sobre os interesses coletivos.

Neste cenário, crianças e jovens exploram as possibilidades da “cultura participativa” (Jenkins; Green; Ford, 2014) mas o fazem em condições desiguais de acesso, expostos à práticas abusivas, como a coleta indiscriminada de dados, os discursos de ódio, a disseminação de desinformação, entre outros. Este processo assume maiores proporções ao considerarmos que crianças e jovens têm sido alvo de

estratégias de engajamento que visam à hiperconectividade, portanto, o risco de dependência das telas. É nesse cenário complexo, que suas identidades têm sido construídas, modeladas, projetadas, afirmadas ou invisibilizadas.

Para compreender melhor as relações que emergem daí, precisamos acionar conhecimentos e experiências advindas de diversos territórios de saber, como a sociologia, a pedagogia, a psicologia etc. Ciente desse desafio, o Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), no ano em que completa seus 20 anos, organizou esse dossiê com ênfase nas identidades infantis e juvenis na cultura digital. Para tanto, contou com a participação destacada da profa. Laura Robinson (*Santa Clara University*), que tem sido parceira no diálogo sobre esse tema.

Passando pelo Brasil, Colômbia, Estados Unidos e Índia, múltiplos olhares se somam na compreensão, na defesa e na promoção dos direitos digitais de crianças, adolescentes e jovens. Problematizam desigualdades digitais, processos de invisibilização, discursos de ódio, hierarquias pautadas por fatores interseccionais de gênero, raça e classe social etc. Para dar conta dessa tarefa, acionam paradigmas e metodologias também plurais, passando pelos estudos culturais, decoloniais, interseccionais, entre outros, e exploram estudos de caso, análise de conteúdo, etnografia virtual etc.

No artigo *Então minha luta é conspiração? Então não existe estupro de crianças?": Uma análise dos atravessamentos de raça e gênero na atuação do Ministério dos Direitos Humanos na midiatização do caso da criança de São Mateus*, escrito pelos pesquisadores Abraão Filipe Marques de Oliveira, Maria Simone Euclides, Rennan Lanna Martins Mafra e Maria Fernanda de Oliveira Ruas, é feita uma análise do caso ocorrido em 2020 de um homem de 33 anos que estuprou e engravidou a sobrinha de 10 anos de idade no Brasil. Ainda que essa situação se enquadre em uma das prerrogativas previstas na lei brasileira para realização de aborto, a criança teve seus dados pessoais revelados e sofreu assédio para que não interrompesse a gestação. O caso foi amplamente divulgado na mídia e nas redes sociais, e trouxe à tona discussões sobre

direitos de crianças e adolescentes, e também sobre direitos sexuais e reprodutivos no Brasil, afetados, de modo peculiar, durante o período da pandemia (Bonan et al., 2023).

Com base numa perspectiva interseccional (hooks, 2019; DAVIS, 2016; Gonzalez, 1988, entre outros) e no paradigma indiciário (Braga, 2008), os autores abordam o caso e a forma como informações que deveriam ser sigilosas sobre a interrupção da gestação foram ilegalmente publicizadas por ativistas ligados a movimentos anti-aborto, vinculados ao Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, à época do governo de Jair Bolsonaro. O estudo traz à tona a negação da identidade infantil da criança abusada, em um processo que, pautado em uma lógica da vigilância dos corpos, invisibiliza sua condição infantil, realçando sua condição de mulher apta a parir o feto.

Na sequência, o contexto pandêmico e suas reverberações no contexto americano são enfatizados no artigo *Pedagogical Innovations as Educational Ethics: Young People's Mediated Identity Work in Sexuality Education*. Nele, Katia Moles analisa como o *Our Whole Life Sexuality Education* (OWL) adaptou seu conteúdo para um contexto de ensino *online* durante a crise da COVID-19. A autora destaca como a sexualidade é um importante componente da formação identitária dos estudantes, salientando, ainda, como a educação sexual abrangente (ESA) é fundamental para a promoção do bem-estar social, emocional e sexual geral dos sujeitos (Goldfarb & Lieberman, 2016).

Pautada nesse entendimento, a autora aborda os desafios impostos para se implementar - de forma virtual - um currículo de educação sexual no contexto pandêmico, analisando quais foram as estratégias de adaptação dos materiais que integram o currículo da OWL. O texto aborda essa virada digital de práticas pedagógicas, que até 2020 eram tradicionalmente presenciais, e reconhece as inovações realizadas para a adoção das tecnologias digitais como forma de dar continuidade às atividades escolares. Ao fazê-lo, problematiza suas implicações na fragilização dos processos formativos e identitários, por conta da redução da ênfase curricular na formação reprodutiva.

Do foco nas identidades sexuais e reprodutivas de crianças e adolescentes, fazemos uma incursão nas identidades políticas projetadas visando uma aproximação dos jovens. Em *Identidades Políticas no Tiktok: o efeito das estratégias de Lula e*

Bolsonaro no engajamento jovem nas eleições de 2022, os pesquisadores Pedro Ramos e Laura Oliveira abordam as identidades políticas (Escosterguy, 2010) projetadas nas publicações dos candidatos favoritos à Presidência da República no período das eleições de 2022, no Brasil, considerando seu direcionamento à audiência jovem. Dada a presença significativa desse grupo social no TikTok, o texto procura entender, por meio de uma análise de conteúdo, as estratégias de comunicação e a linguagem usadas por ambos os candidatos, visando aproximar-se dessa audiência específica.

No artigo, os autores buscam compreender o funcionamento da plataforma, os resultados obtidos por cada uma das campanhas, os acertos e erros cometidos na tentativa de projetar essas identidades políticas junto aos jovens. O artigo ainda traz contribuições metodológicas para se pesquisar nesse ambiente, que tem características de rede social, mas também funciona como um aplicativo de entretenimento.

Ainda neste campo do entretenimento, nos deslocamos do Brasil para a Índia, abordando as auto-identidades projetadas pelos próprios jovens em perfis públicos e privados em redes sociais. Escrito por Swasti Acharya, o ensaio *Filtered Self: Navigating Instagram through Public and Private Accounts* explora a natureza das identidades projetadas visando ao estabelecimento de relações sociais na plataforma Instagram, com base na criação e manuseio de contas *insta* e as chamadas *finsta* (do inglês, fake+instagram), e considerando as noções de público e privado. As contas *finsta* são criadas em paralelo às contas oficiais - *insta* - dos jovens usuários e podem não ser diretamente conectadas a seus proprietários (daí o 'f' de fake, falso).

A autora argumenta, a partir da perspectiva de Bourdieu (1984), que a criação de contas desse tipo figura como um limite simbólico, estabelecido pelo próprio usuário, visando definir quem teria ou não acesso aos conteúdos postados em contas de natureza pública ou privada. Por meio de uma etnografia visual de 50 contas, o texto busca compreender os motivos para a criação das contas, o que as diferencia, que tipos de subjetividades são construídas e apresentadas por esses jovens, além de como conceitos como 'classe' e 'status social' aparecem no mapeamento visual dos perfis analisados.

Ainda no campo do entretenimento, apoiando-se nos referenciais de Butler (2021), os discursos de ódio, com ênfase nas identidades de gênero em jogos online são

objeto da atenção de Abner da Silva e Luciana Lobo em “*Todo mundo faz isso, porque eu não faço?*” *Decisões acerca do discurso de ódio sobre identidades de gênero em jogos online com estudantes de ensino médio em uma escola pública de Fortaleza*. Apoiando-se nas perspectivas teórico-metodológicas da Pesquisa-Intervenção e do PesquisARCOM, os autores investigam como operam e se perpetuam discursos de ódio, em especial sobre as identidades de gênero nessa modalidade de jogo.

A investigação considera a percepção de jovens estudantes de escola pública da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil sobre este tema. Conduzida em duas etapas, inicialmente 24 jovens participaram de um curso de extensão com foco na cultura digital, no qual a relação deles com os jogos online e os discursos de ódio nele presentes sobressaiu. Posteriormente, foram ouvidos 5 desses estudantes em grupos de discussão. No estudo, os autores, pautados na experiência dos jovens que se envolveram com a pesquisa, analisam como os jogos eletrônicos partem de ideais de gênero que preconizam os espaços de jogo online e os jogos eletrônicos como construções de ideários predominantemente masculinos, estimulando, desse modo, uma construção coletiva que tende a excluir o feminino desses espaços e práticas. Nessa linha, o texto evidencia como a violência de gênero é frequentemente utilizada para veicular discursos de ódio, alertando para a necessidade de enfrentamento destes.

Voltamos ao contexto estadunidense para enfrentar uma das questões mais desafiadoras da cultura digital, a desigualdade de acesso, com incidência inequívoca nos processos de constituição identitárias no norte e no sul global. Em *The Agentic Technological Self: Aspirational Identities, Academics, and Digital Activities*, Laura Robinson e Jeremy Schulz contrapõem-se ao conceito de “nativos digitais”, ao apresentar as desigualdades de acesso digital dos jovens norte-americanos e considerar suas implicações nas identidades aspiracionais destes. Trata-se de um estudo de caso por meio de uma análise qualitativa comparativa do tipo crisp-set (csQCA) com base em dados de estudantes de ensino médio de baixo nível socioeconômico (low SES) da Califórnia (Rihoux AND Marx, 2013; Ragin, 2008).

Com mais de 700 participantes, majoritariamente identificados como de baixo nível socioeconômico, o estudo utiliza métodos mistos que permitem olhar para essa questão de uma perspectiva quali-quanti. Na primeira etapa da pesquisa, os autores

recorrem à abordagem estatística para identificar a recorrência de características de atividades digitalmente mediadas e dos desempenhos acadêmicos que são comuns aos sujeitos que as compartilham. Os dados qualitativos, obtidos na segunda fase do estudo, permitem estabelecer correlações entre atividades digitais e identidades aspiracionais.

A leitura dos seis artigos permite explorar alguns aspectos e dimensões que atravessam a cultura digital. Eles potencializam o entendimento de contextos, agentes, políticas e desafios a serem enfrentados para assegurar que crianças e jovens desenvolvam suas identidades e conexões significativas, em um contexto inclusivo e acolhedor.

Na seção de *teses e dissertações*, esse dossiê chama atenção para duas pesquisas que tematizam relações ainda pouco exploradas sobre a relação de crianças e adolescentes com a cultura digital.

Na tese *Navigating in a context of exclusion: The roles social media play in the lives of teenagers placed in institutional care in Brazil*, defendida na *Faculté des sciences de la société da l'Université de Genève*, André Cardoso Sarli aborda, com acuidade, a complexa rede de relações institucionais, territoriais, comunitárias e familiares que incidem sobre as limitações de acesso à cultura digital de adolescentes em situação de institucionalização, num flagrante desrespeito a seus direitos.

Na dissertação *Práticas participativas de canais multimídia infantis no espaço digital*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, João Everton Cavalcante analisa uma série de conteúdos transmídia de dois canais latino-americanos - *Gloob* (Brasil) e *Eureka* (Colômbia) - considerando a existência de práticas de participação infantil. Além da contribuição para pensar os processos de transmídiação dos conteúdos infantis dessas produções, Cavalcante problematiza as potencialidades e limites do envolvimento da criança nessas comunicações transmídiaicas, orientando-se pela compreensão da participação como um direito.

Os artigos que integram este dossiê evidenciam a relevância da interdisciplinaridade para refletir sobre a relação de crianças, adolescentes e jovens com a cultura digital. Evidenciam, ainda, o imperativo de criar e fortalecer redes de pesquisa internacional para pensar a cultura digital contemporânea e suas implicações. Afinal,

distintos em suas configurações nacionais, guardam similaridades associadas à natureza global da comunicação contemporânea. Esperamos que as pesquisas aqui compartilhadas possam ser um convite para ampliarmos esse diálogo.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- BONAN, Claudia; dos REIS, Ana P.; MACEDO, Ulla *et al.*. (2023). **Saúde, reprodução e sexualidade nos tempos da COVID-19: memórias incorporadas das mulheres no Brasil**. Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário. 12. 103-119. 10.17566/ciads.v12i4.1007.
- BOURDIEU, Pierre. **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Cambridge: Harvard University Press, 1984
- BUTLER, J. **Discurso de ódio: Uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GOLDFARB, E.; LIEBERMAN, L. **Sexuality Education During Adolescence**. In: PONZETTI, J. (Ed.). Evidence-Based Approaches to Sexuality Education: A Global Perspective. New York: Routledge, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988.
- JENKINS, H; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da Conexão – Criando Valor e Significado por Meio da Mídia Propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.
- HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução: Cátia Bocaiuva. Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- RAGIN, C. C. **Redesigning social inquiry: Fuzzy sets and beyond** (Vol. 240). Chicago: University of Chicago Press, 2008.
- RIHOUX, B., & MARX, A. **QCA, 25 Years after “The Comparative Method” Mapping, Challenges, and Innovations—Mini-Symposium**. Political Research Quarterly, 66(1), 2013.

AGRADECIMENTOS:

As (os) editoras (es) agradecem a todos que colaboraram para a publicação deste dossiê. De modo especial, ao Editor Chefe da Revista Passagens pelo apoio incondicional durante o processo de elaboração. Somos gratas (os) ao nosso time de revisores pela cuidadosa avaliação dos artigos recebidos. Destacamos, ainda, nosso reconhecimento à equipe de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação por sua colaboração no trato do sistema da revista e elaboração da capa deste número especial. Somos gratas (os), ainda, a toda a equipe do LabGRIM por atuar, há 20 anos, na defesa e promoção dos direitos de crianças e jovens, por ser não apenas um lugar de produção de saber, mas por fazê-lo com compromisso e afeto. No ano em que celebramos os 70 anos da Universidade Federal do Ceará, nosso muito obrigada, por ser espaço de resistência e defesa da democracia em nosso país.

SOBRE AS (OS) EDITORAS (ES)

Inês Sílvia Vitorino Sampaio

Professora Titular na área de Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Investigadora Associada ao Centro de Excelência da Criança Digital na Deakin University desde 2022. Foi Professora Associada ao Berkman Klein Center for Internet and Society da Universidade de Harvard (2020-2023) e professora visitante da Université du Québec à Montréal - UQAM (2009-2010). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio no Programa de Doutorado Sanduíche do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD) na Westfälische Wilhelms Universität Münster, Alemanha. É fundadora e vice-coordenadora do Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM/UFC).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2277124466176094>

E-mail: inesvict@gmail.com

Laura Robinson

Professora do Departamento de Sociologia da *Santa Clara University*. Ela obteve seu doutorado pela UCLA, onde recebeu uma bolsa *Mellon* em estudos Latino-Americanos e uma *Bourse d'Accueil* na *École Normale Supérieure*. Além de ter sido agraciada com uma bolsa de pós-doutorado em um projeto financiado pela Fundação John D. e Catherine T. MacArthur no *USC Annenberg Center*, foi professora assistente visitante na *Cornell University*, professora associada ao *Berkman Klein Center for Internet and Society* da Universidade de Harvard, e presidente do CITAMS (antigo CITASA). Seu atual estudo plurianual examina as desigualdades digitais e informacionais. Suas outras publicações exploram a construção de identidades e interações, bem como mídias digitais no Brasil, na França e nos Estados Unidos.

Research gate: <https://researchgate.net/profile/Laura-Robinson-16>

E-mail: laurarobinsonscu@gmail.com

Georgia da Cruz Pereira

Professora Adjunta do curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará. É doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora no LabGRIM UFC (Laboratório da Relação Infância, Juventude e Mídia) e da Célula de Design e Multimídia - Sistemas e Mídias Digitais da UFC. Coordenadora de Educação e Difusão do Conhecimento do Centro de Referência em Inteligência Artificial da UFC (CRIA/CEREIA - UFC). Foi professora convidada do Berkman Klein Center Summer Research Clinic 2021, da Universidade Harvard.

Editorial: Identidades de crianças e jovens na cultura digital | Sampaio, Robinson, Pereira, Torres

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.2. Especial, 2024

George Torres

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, graduado em Publicidade e Propaganda e mestre em Comunicação pela mesma instituição. Atua como Supervisor Educacional do Instituto Atlântico (ICT) e como professor no curso de Publicidade e Propaganda na Uninassau. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a construção de narrativas de si e o uso de personas digitais entre jovens gays em fóruns online.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8410894280443669>**E-mail:** georgetorres222@gmail.com**COMO CITAR ESTE ARTIGO**

SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino; ROBINSON, Laura; PEREIRA, Georgia da Cruz; TORRES, George. Editorial: Identidades de crianças e jovens na cultura digital. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n.2. Especial., p. 1-9, 2024.

RECEBIDO EM: 20/11/2024**ACEITO EM:** 20/11/2024**PUBLICADO EM:** 24/11/2024

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional